

UNIÃO HIPOSTÁTICA: O POSICIONAMENTO DE ÁRIO DIANTE DO ROMPIMENTO FÉ E LÓGICA

Manollo Pereira de Oliveira¹
Paulo Roberto Basso²

Resumo: O exposto artigo aborda sobre o estabelecimento argumentativo de Ário, gerador da grande efervescência teológica entre os cristãos na Antiguidade, fazendo com que os clérigos formassem a predominância de um pensamento “ortodoxo” em prejuízo das ideias tidas como heterodoxos. No ano de 325 d.C., deu-se o Concílio de Niceia, onde os preceitos do sacerdote Ário foram transgredidos oficialmente pelos bispos e chancelados ali presentes. Sendo assim, diante do questionamento lógico, o porquê a observação de Ário causou tanto barbilo doutrinário? É o que tentaremos desvelar no decorrer desse artigo.

Palavras-chave: Arianismo; união hipostática; princípio do terceiro excluído.

Abstract: This article deals with the argumentative establishment of Arius, which generated the great theological effervescence among Christians in antiquity, causing the clerics to form the predominance of "orthodox" thought to the detriment of ideas considered as heterodox. In the year 325 AD, the Council of Nicaea took place, where the precepts of the priest Arius were officially transgressed by the bishops and chancellors present there. So why did the observation of Arius cause so much doctrinal barbel? This is what we will try to unveil throughout this article.

Keywords: Arianism; hipostatic union, law of excluded middle.

1. INTRODUÇÃO

Os quatro primeiros séculos do cristianismo foram marcados por diversas conturbações e divergências de pensamento entre os membros da Igreja, apresentando contestações cristológicas de natureza trinitária e também pneumatológica. Surgindo assim, diversas correntes teológicas que posteriormente

¹ Graduado em Fisioterapia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) em Campos dos Goytacazes-RJ e graduando em bacharelado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC).

² Técnico em Automoção Industrial pela Escola Técnica Estadual Deputado Ary de Camargo Pedroso (Etec) em Piracicaba-SP e graduando em bacharelado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC).

irão ser compreendidas como heresias pois, diferem e contrapõem os dogmas definidos pela Santa Igreja e o cerne da fé. “(...). Por via de regra, porém, os que contendiam com o que viria a ser mais tarde ou já era a tradição ortodoxa foram enterrados sob uma montanha de linguagem chula eclesiástica. Como vimos, o tom brando e irenista dos Atos, retratando a Igreja primitiva como um colegiado de senadores imparciais, movendo-se pacificamente no sentido de decisões coletivas, desvirtua a realidade que encontramos em Paulo. Palavras ásperas entre os irmãos em Cristo surgiram cedo, e a partir de então verificou-se uma inflação contínua da troca de ofensas. No século II, o debate com os hereges redundava em polêmica, e a magnitude das acusações ortodoxas e a grosseria de suas ofensas eram, de modo geral, proporcionais ao sucesso do movimento. Com o recrudescimento da controvérsia, fazia-se necessário atacar a conduta, não só a doutrina, dos divergentes. Com efeito, logo desenvolveu-se a teoria de que o erro doutrinário inevitavelmente conduzia à deterioração moral. Assim, os polemistas ortodoxos podiam inventar e acreditar nas acusações de boa-fé. (...) A acusação prossegue: ‘um verdadeiro profeta usa maquilagem? Empresta dinheiro a juros?’. O que era prática costumeira entre todos os cristãos – chamar as viúvas de virgens, o pagamento de sacerdotes, o uso de dinheiro para tirar os irmãos perseguidos das prisões estatais – era, nas seitas heréticas, descrito como ruim. As seitas que atraíam os maiores volumes de seguidores eram, por via de regra, as mais austeras e tementes a Deus; contudo, sendo as mais bem-sucedidas, tinham de ser alvos das mais acres investidas de base moral” (JOHNSON,2001)

Ário ou Arius nasceu provavelmente, na Líbia, por volta de 256-260, orgulhava-se de ter sido discípulo de Luciano de Antioquia, o fundador da escola teológica desta cidade. Mais tarde, admitido entre o clero de Alexandria da Igreja de Baucalis. Diz que gozava, entre os fiéis, a fama de ser quase um santo, um iluminado, capaz de longos jejuns, de grandes mortificações. Suas pregações eram acompanhadas de pureza, de desprezo pelos bens temporais e por tudo o que fosse carnal. Homem dado ao ascetismo e misticismo, de grande habilidade dialética e tenacidade em suas opiniões. Sua obra literária, contudo, não foi extensa. Dele restam apenas uma carta dirigida a Eusébio de Nicomédia, bispo influente e chefe militante das teses arianas, na corte de Constantino, e duas profissões de fé, uma delas é endereçada ao bispo Alexandre e

a outra ao próprio Constantino, a qual lhe valeu ser readmitido na Igreja em 336. Além desses pequenos textos, restam alguns fragmentos de sua obra mais célebre, a *Thalia* (*Branquete*), obra de propaganda popular.

Eis como Sócrates, historiador da Igreja antiga, por volta de 440, descreve as origens do arianismo:

“A Pedro, bispo de Alexandria, depois de ter sido martirizado na perseguição de Diocleciano, sucedeu Áquiles na sede episcopal. Depois de Áquiles, ocupou a sede, durante a mencionada, era de paz, Alexandre, que, com seu modo impávido de tratar as coisas, unificou a Igreja. Em certa ocasião, reunidos seus presbíteros e clérigos, esboçou Alexandre uma consideração um tanto quanto ousada sobre a Santíssima Trindade, aventurando-se numa explicação metafísica da Unidade na Trindade. Um dos presbíteros de sua diocese, de nome Ário, entendeu que o bispo estava expondo as doutrinas de Sabélio, o líbio. Levado pelo gosto da controvérsia, esposou pareceres absolutamente opostos aos do líbio, refutando energicamente os pontos de vista do bispo. ‘Se Deus Pai gerou o Filho, dizia, o que foi gerado teve um começo de existência, pois é evidente que houve (um tempo) quando o Filho não era. Daí conclui-se, necessariamente, que teve a existência a partir do não existente.’” (FRANGIOTTI, 1995)

2. DOUTRINA ARIANA E SUA OBJEÇÃO

Ário afirmava a existência de um único Deus, o Pai, eterno, absoluto, imutável, incorruptível. Este Ser Supremo e Absoluto, não pode comunicar, segundo sua concepção, seu Ser, nem mesmo parcelas dele, nem por criação, nem por geração. Se Deus não é corpo, não pode ser composto, divisível. Assim, é impossível a Deus gerar um filho. Tudo o que está fora dele, foi criado do nada. “Por um lado, é dito que ele pertencia à linha de sucessão daqueles origenistas que colaboraram na condenação de Paulo de Samosata. De acordo com esta interpretação, o ponto de partida do arianismo é um monoteísmo absoluto, de modo que o Filho não pode ser uma emanação do Pai, ou uma parte de sua substância, ou um outro ser semelhante ao Pai, pois qualquer dessas possibilidades ou negaria a unidade ou a natureza imaterial de Deus.” (GONZÁLEZ, 2004)

Tudo o que existe fora do Deus absoluto, eterno, incriado, incomunicável, são meras criaturas. Para criar o mundo, o Deus Supremo criou antes um ser intermediário para servir de instrumento da criação. Este ser intermediário é o Logos. O Logos é superior e anterior à todas as criaturas, a mais excelente de todas, acima de todo o

criado, mas não é igual a Deus. Se Jesus foi gerado, quer dizer que houve um tempo, um instante ao menos, em que não era, razão pela qual não pode ser coeterno nem consubstancial. Para ele, embora representando o sumo da humanidade, Jesus era somente uma criatura, receptáculo do Logos. Ário pensa, então, o mistério de Jesus Cristo nesta perspectiva: o Logos divino é criado, embora a melhor de todas as criaturas; torna-se o criador de todos os outros seres como instrumentos de Deus Pai.

Ele é “deus” em relação às outras criaturas. Este Logos divino se encarnou e se tornou a alma de Jesus Cristo, que foi adotado como Filho de Deus. Aquele Logos que se fizera homem, que se contaminara com um corpo humano, não podia ser Deus como o Pai, que é incorruptível, intemporal, puro, eterno e incomunicável.

3. ARGUMENTO LÓGICO ARIANO RELACIONADO COM O PRINCÍPIO DO TERCEIRO EXCLUÍDO

“Além de procurar fundar sua doutrina nas Escrituras, utilizando de modo especial os textos do Novo Testamento que indicam a diferença e a aparente subordinação de Jesus ao Pai, um dos argumentos empregados por Ário contra a divindade-igualdade de Jesus com o Pai foi o costume litúrgico de orar ao Pai por meio de Cristo. Os exemplos são claros. A doxologia antiga rezava assim: Glória ao Pai pelo Filho no Espírito Santo. Na conclusão, a oração latina dizia: Pelo Cristo Senhor nosso.” (FRANGIOTTI, 1995)

Essa mediação de Cristo é, segundo Ário (que leva em consideração prioritariamente que Jesus é somente substância de Deus ou somente substância do homem, não havendo uma terceira possibilidade) uma expressão clara de sua inferioridade em relação ao Deus Pai. A oração se dirige a Deus Pai como destinatário supremo. Porém, para que chegue até ele, busca-se um intermediário que seja mais que nós e menos que ele. Deus Pai.

“Muitas igrejas foram mudando a fórmula tradicional, como reação prática aos argumentos de Ário, por uma fórmula nova: Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Nas igrejas latinas, especialmente após o concílio de Niceia, mudou-se o “Por Cristo Senhor nosso”, pela forma: “Que vive e reina com Deus Pai na unidade do Espírito

Santo, Deus pelos séculos dos séculos" (fórmula antiariana). Vê-se pelo exemplo que a reação foi além de uma simples mudança de fórmula. Modificou-se o destinatário da oração que não se dirige mais somente ao Pai, mas a Cristo. " (FRANGIOTTI, 1995)

Ário conquista enorme audiência no Oriente, acolhido nos meios intelectuais e populares, compondo cânticos que os marinheiros difundiam circulando-os por toda a costa do império. Advertido pelo bispo Alexandre, de Alexandria, a se uniformizar com o ensino tradicional, Ário se recusou e, agrupando em torno de si certo número de clérigos e leigos, através de cartas, apelou a muitos antigos alunos de Luciano de Antioquia, entre os quais Eusébio, bispo de Nicomédia.

Diante do impasse, não há outra solução senão convocar o concílio ecumênico de Niceia, que se realizaria no ano 325 e no qual estariam representados todos os bispos da cristandade, para se dirimir finalmente a questão. Agendado o concílio, começa então uma verdadeira guerra diplomática (para os padrões da época) dentro da Igreja. "A rachadura no império era eminente. O concílio de Niceia se prolongou entre 20 de maio a 25 de agosto de 325. Depois de algum tempo, o arianismo desaparece como doutrina oficial, mas vai sobreviver por muito tempo ainda, entre os bárbaros invasores do império do Ocidente: visigodos, ostrogodos, vândalos, burgúndios e longobardos só vão se converter ao cristianismo romano no pelos fins do século VII. " (SANTO ATANÁSIO).

4. CONCLUSÃO

Ário faz o perfeito uso da retórica e argumentação, em uma análise lógica seu argumento é válido, tendo por base um dos princípios da lógica aristotélica, o princípio do terceiro excluído. Esse pressuposto fundamenta que só podem existir duas

possibilidades, uma terceira resposta é inexiste, ou seja, é verdadeiro ou falso; uma resposta que não esteja entre elas, uma terceira não é possível. Partindo desta conjectura, ele organiza seu pensamento lógico a respeito da união hipostática, negando a natureza divina de Cristo, uma vez que foi criado por Deus, não pode ser Deus, mas sim criatura. Desse modo, Ário rompe a fé da lógica, uma linha que era muito tênuem.

O arianismo foi essa corrente doutrinal que embarcou tantos adeptos e seguidores que mesmo após o concilio proclamando esta doutrina como herética seus seguidores não a abandonaram, fazendo com que eles permanecessem na excomunhão eclesial.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERIGO, Giuseppe. História dos Concílios Ecumênicos. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2005.

ATANÁSIO, Santo, 295.373 2. Padres da Igreja primitiva I. Título: A encarnação do verbo. III. Título: Apologia ao Imperador Costâncio. IV. Título: Apologia de sua fuga. V. Título: Vida e conduta de S. Antão. VI.

Pe. Élcio Rubens Mota Félix, ss.cc. – A controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo no século IV (d.c.)

SANTO ATANÁSIO, “Patrística - contra os pagãos, a encarnação do verbo, apologia ao Imperador Constâncio, vida e conduta de S. Antão”.

GONZÁLEZ, Justo “Uma História do Pensamento Cristão”. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. Vol. I, p. 256

SOUZA, Flávio Henrique – A “condenação” do arianismo (século IV d.c.)

FRANGIOTTI, Roque. História das heresias: séculos I-VII: conflitos ideológicos do cristianismo / Roque Frangiotti. – São Paulo : Paulus, 1995.

JOHNSON, Paul. História do Cristianismo. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

